

EVOLUÇÃO

DEZENOVE é o número de personagens que compõem a pintura. E 19 é a data de abril em que se comemora o Dia do Exército, aludindo à vitória dos brasileiros sobre os holandeses invasores na celebrada Batalha de Guararapes.

Esses dezenove personagens se dispõem sobre uma linha do tempo, no sentido da leitura, ombreados, em uniformes e armamentos característicos das transformações mais significativas da evolução da Força Terrestre do Brasil.

Bandeiras e flâmulas emolduram o conjunto, porque são elas os troféus mais significativos das jornadas vitoriosas no combate.

Nos tempos iniciais do Brasil colonial, flâmulas navais das Quinas, bandeiras dos Castros e da Esfera Armilar e a Bandeira da Ordem dos Templários de Cristo, que financiou a frota cabralina aqui fundeada em outro abril, o dos 1500.

O soldado português no uniforme e cobertura da época, armado de bacamarte de só um tiro e pesado, de brasa de corda, tendo aos pés a Bombarda de boca imensa, compõem o conjunto, sugerindo o combate nas fortalezas.

Seguem-se soldados em uniformes pomposos e coloridos, os da grande transformação determinada pelo Imperador D. Pedro I, em 1824. Numeraram-se as Unidades de Infantaria, Cavalaria e Artilharia, antes designadas pelo nome de suas sedes, e aboliram-se as fitas rubro-azuis dos Orleans e Bragança e adotou-se o Tope Nacional com as cores da Bandeira desenhada por Debret. O tope dessas cores é mantido em nossos cocares e escudos. E o rubro-azul foi recuperado e adotado como cor heráldica do Exército Brasileiro.

O perfil que se segue é o do soldado regular e das lutas Cisplatinas e da Guerra da Tríplice Aliança, formando em Grandes Unidades pela primeira vez – Brigadas, Corpos de Exército e Exército de Campanha - organização adotada somente no Teatro de Operações.

Agora são tempos do primeiro quartel da República e do predomínio da cor cáqui, à imitação dos uniformes coloniais britânicos na empoeirada Índia, figurino da maioria dos exércitos. E tempos, também, das tentativas de modernização da Força, empreendidas na administração da guerra pelos Generais Nepomuceno Mallet e Hermes da Fonseca.

Ainda de cáqui, o Exército reestruturado por orientação da Missão Militar Francesa se revela no Capitão Ricardo Kirck, da Aviação Militar, e no tanquista do Renault F17 do Capitão José Pessoa. Outra evolução, na sequência, é figurada no soldado de 1931, quando adotamos o uniforme verde-oliva. O equipamento de campanha, mochila com uniforme de muda, meio pano de barraca e cobertor,

estacas de queixo e paus de barraca, corda de forragem, marmita-preta, cinto de guarnição de lona modelo Mill's, perneiras e borzeguins, isso tudo querendo mostrar a adoção das Grandes Manobras, como se fazia na Europa militar.

Depois, é o soldado da FEB, quando cessou a influência francesa e adotamos a doutrina militar norte-americana. O Núcleo Paraquedista do Capitão Pessoa é o primeiro fruto dessa mudança.

No prosseguimento, sempre evoluindo, o Exército Brasileiro foi construindo adaptações àquela doutrina, tornando-a nossa. Sequenciam-se tropas especializadas para atender à diversidade de território-continente, a da tropa de selva sugerindo as demais, as dos capacetes azuis das missões no exterior, da ONU, a Aviação do Exército ressurgida, a presença do corpo feminino no Exército regular, o combatente atual, voltado para toda a linha da evolução, a guarnece-la e o Cadete das Agulhas Negras empunhando o Sabre de Caxias, símbolo da própria Honra Militar, noutro plano, acima de todos, símbolo da perpetuidade e da renovação.

O autor, Cel Estigarribia